

O JORNAL NA ESCOLA E A EDUCOMUNICAÇÃO

Dulce Mirian Zorzenon Rodrigues¹

“A Formação de cidadão, atributo da escola, passa hoje obrigatoriamente pela habilitação do cidadão para ler os meios de comunicação, sabendo desvelar os implícitos que a edição esconde;”... “A escola não pode esquecer-se do ecossistema comunicativo no qual vivem os alunos”.
(Baccega, 2003, p. 81)

Introdução

Vivemos em uma sociedade dinâmica, de rápido avanço tecnológico, uma era digital, “no mundo da mídia, no mundo da comunicação e no mundo da publicidade, cultura de massa” (MORAES, 2003, p. 243).

O advento da internet tornou possível o acesso à informação e à interação, simultânea e global que tem modificado as relações sociais diz-se que a inundação da informação na internet pode mais desinformar do que informar.

Assim, a didática contemporânea não pode fechar os olhos para este avanço tecnológico, para o poder da mídia, para as necessidades de novas alfabetizações, especialmente da alfabetização tecnológica.

Torna-se necessário a criação de formas de comunicação e conhecimentos que envolvam a comunidade escolar para uma leitura de mundo, o que Demo (2010) chamou de novas habilidades ou “habilidades do Sec. XXI”, devido à inundação de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Assim, a pluralidade de mídia favorece a didática contemporânea, proporcionando uma diversidade de ferramentas para o ensino/aprendizagem.

O jornal (impresso e eletrônico) é um exemplo de recurso didático, que atende às necessidades da educação escolar (ler, escrever, interpretar textos, realizar cálculos matemáticos...) numa tendência de educomunicação, educação e comunicação para desenvolver a formação de cidadãos críticos, reflexivos, capazes de tomar decisões, resolver conflitos, ou seja, que participem efetivamente das práticas sociais.

Breve histórico

A utilização do jornal na escola não é algo novo; o Pedagogo Celéstin Freinet, em meados da década de 1920, introduziu a imprensa na escola como uma nova atividade entre alunos. A produção de um jornal pelos estudantes se tornou um dos símbolos de sua pedagogia.

O trabalho com a imprensa escolar para Freinet cumpria com o objetivo de proporcionar experiências segundo o interesse do aprendiz; tratavam-se da produção e difusão de textos que visava comunicar aos leitores as informações, as opiniões, as pesquisas feitas na classe, que podiam conter entrevistas, vivências e aulas-passeio. Consistia em uma técnica em que o aprendiz, utilizando o tipógrafo, tateava em suas diversas aprendizagens do espaço, dos sinais gráficos, da escrita e da leitura. Através da imprensa escolar de Freinet, trabalhava-se o letramento, função social da escrita.

¹ Professora da rede municipal de ensino de Campinas (SP).

Mais tarde, em 1932, surge um programa pioneiro de utilização de jornal em sala de aula patrocinado pelo The New York Times. A partir de então, o conceito de “educação por meio de jornal” se expandiu (PAVANI, 2002).

O brasileiro Anísio Teixeira, no movimento da Escola Nova no Brasil, também na década de 30, afirmou que usar a mídia impressa na sala de aula podia trazer benefícios aos alunos. (PAVANI; ORMANEZE, 2013).

Alguns estudos foram realizados para traçar o histórico do uso do jornal na escola, por exemplo:

na literatura brasileira, não há referência de trabalhos com projetos que envolvam o uso sistemático de jornal para fins escolares, anteriormente a 1983. Esse é o ano em que de acordo com a documentação disponível, nascem os primeiros projetos dessa natureza, em Porto Alegre – “Zero Hora na Sala de Aula”, Zero Hora – e no Rio de Janeiro – “Quem Lê Jornal sabe mais”, O Globo – este último ativo até hoje. Outros projetos surgiram entre 1980 e 1999, desenvolvidos com a colaboração dos jornais (...). (PAVANI, 2002, p. 20).

Em 1992, o *Correio Popular*, Jornal fundado em 1927, na cidade de *Campinas (SP)*, criou o primeiro projeto de incentivo ao uso de Jornal na Escola do Estado de São Paulo (PAVANI; ORMANEZE, 2013).

O projeto que se denominou inicialmente Jornal Falado e Recorte de Notícias, e posteriormente Jornal Matéria Prima no Ensino da Língua Portuguesa, ministrado pela professora Vera Lucia B. Moraes, iniciou-se em 1976 no Colégio Batista de Campinas, nas aulas de Português, e em 1981 na EMEF Pe. Melico Cândido Barbosa, da Rede Municipal de Campinas. Em 24 de novembro de 1992 foi publicado no Diário Oficial do Município de Campinas com o objetivo de divulgação para a rede de ensino e em 1993 foi aprovado pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas. No mesmo ano foi apresentado no 9º Congresso de Leitura do Brasil (MORAES, 2010).

O Projeto Imprensa: Jornal na Escola, ao longo dos anos contou com a parceria do Correio Escola da RAC – Rede Anhanguera de Comunicação e RMEC – Rede de Ensino Municipal de Campinas, firmada em 1992-2003, que capacitou e motivou professores para a importância leitura da mídia impressa e da produção escrita de jornais escolares, atingindo mais de 70% das escolas municipais.

Desde então, há formação de professores através do Projeto Imprensa na Escola, oferecido pelo no espaço do Cefortepe – Centro de Formação e Tecnologia E Pesquisa Educacional, da rede de Educação do Município de Campinas. Tal iniciativa demonstra a preocupação com o aprendizado de qualidade e o compromisso com a educação para que o estudante desenvolva uma visão crítica do mundo e atue como verdadeiro cidadão.

A importância do uso do jornal na escola

O trabalho com o jornal escolar viabiliza o trabalho com a linguagem verbal, realizado na seleção de informações significativas dos textos da imprensa para a construção de conhecimentos. Possibilita o estudante exercitar expressões de pontos de vista, de conhecimentos desenvolvidos em seu processo educativo a partir do diálogo com as leituras e discussões que realiza, promove a responsabilidade e cooperação de alunos no trabalho individual e em grupo.

Ainda, o trabalho com o jornal em sala de aula possibilita interações e relações entre o contexto do estudante e as áreas do conhecimento desenvolvido na escola, saber ler as entrelinhas, o implícito para não ser moldado por um sistema unificador voltado para o consumo, para “o ter” e não para o “ser”.

Vale ressaltar, que o trabalho com o jornal como instrumento de leitura, tem o seu valor expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1996, bem como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e nos sistemas de avaliação dos rendimentos das escolas públicas, ao estimularem o uso do jornal impresso na educação.

O trabalho com o Jornal na escola é importante, porque ajuda a compreender o fato de que vivemos em uma sociedade em que a mídia está inundada de informações, (in)formações explícitas e implícitas. Segundo Caldas (2006), trata-se de uma “sociedade em que os meios de comunicação interferem diretamente na formação/deformação das pessoas, sejam, crianças, jovens ou adultos”.

Também, de acordo com Carvalho (2007), que fala da relação de força na produção de subjetividade por intermédio dos veículos de comunicação, entende-se que mídia, impressa ou eletrônica, faça parte do sistema de força que qualifica o que é bom ou ruim para o homem moderno. A sociedade promove todo e qualquer processo de singularização do sujeito na sociedade. “É uma máquina de significantes daquilo que é adequado ou não.” (CARVALHO, 2007, p. 160).

Comprovando a tese de que a mídia é também responsável pela educação paralisante do sujeito (DÉBORD, 1967), o criador do conceito de “sociedade do espetáculo”, que definiu o espetáculo como o conjunto das relações sociais mediadas pelas imagens e deste modo, ele critica a sociedade capitalista controladora da subjetividade do indivíduo, também, chamada de Sociedade do Controle e de Sociedade do consumo. A sociedade do espetáculo nos transforma em consumidores passivos e reprodutores do sistema capitalista através da propaganda difundida pela mídia. Trata-se de uma sociedade que transforma os indivíduos em homens ociosos, como bem descreve o poema de Thomas Stearns Eliot, escritor e filósofo norte-americano quando escreve:

Nós somos os homens ociosos
Os homens empalhados
Uns nos outros amparados
O elmo cheio de nada. Ai de nós!
Nossas vozes dessecadas,
Quando juntos sussurramos,
São quietas e inexpressas (...).

Outro agravante, apresentado por Caldas (2012), é o baixíssimo nível de compreensão, interpretação e reflexão dos estudantes obtidos através dos sistemas de Avaliação (SAEB; ENEM) e do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA). É preciso saber ler bem, a leitura é competência essencial para haver aprendizado. Ler e escrever são competências desenvolvidas, principalmente no ambiente escolar. “De acordo com Silva (2002), “ler é, antes de tudo, compreender. Já foi afirmado que, ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. De fato, o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um determinado autor, numa determinada obra”.

O “compreender” deve ser visto como uma forma de ser, emergindo através das atitudes do leitor diante do texto, assim como através de seu conteúdo, ou seja, o texto como uma percepção ou panorama dentro do qual os significados são atribuídos.

“Portanto, ler bem é vital para se realizar a leitura de mundo, leitura crítica a leitura que possibilita compreender o que não está escrito em um texto, o “desvelar os implícitos” para que a” nossa subjetividade não passe para a subjetivação capitalista” (Idem).

Diante de tal sociedade, o compromisso da educação escolar e do professor consiste em desenvolver a leitura crítica da mídia em sala de aula, compreender as relações de poder implícitos e explícitos nos discursos e criar ambientes de comunicação.

Outro fator relevante é o prazer advindo da mídia, segundo Moran (2009), faz com que a criança aprenda, principalmente através da mídia eletrônica, a informar-se, a conhecer – os outros, o mundo, a si mesmo – a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, “tocando” as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar.

A relação com a mídia eletrônica é prazerosa – ninguém obriga – é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa – aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam. A mídia mostra o mundo de outra forma – mais fácil, agradável, compacta – sem precisar fazer esforço. “Ela fala do cotidiano, dos sentimentos e das novidades”. Por isso, o professor precisa desenvolver sua prática segundo as necessidades dos estudantes, tornando-a atrativa e significativa.

“Partindo deste pressuposto, educadores têm utilizado a mídia, especialmente o jornal (impresso e eletrônico), criando espaços educativos para a prática da cidadania por meio da comunicação, abrindo a escuta para a voz do estudante”. Vale destacar, o projeto “Idade Mídia”, de 2002, em um colégio particular do Estado de São Paulo. Um projeto em que os estudantes tiveram a autonomia de conceber e executar um projeto de Mídia – sua própria revista. Assim, nasceu o Idade Mídia, um curso que se desenvolveu em paralelo ao conceito de Educomunicação – criado na Universidade de São Paulo – e hoje uma cadeira de licenciatura (SAYAD, 2011)

A leitura de diversas mídias, sobretudo, a leitura do jornal em sala de aula e a comunicação com os estudantes, possibilita compreender, o contexto da comunidade da qual estão inseridos, perceber quais influências formadoras eles estão expostos e que conteúdos de aprendizagem serão ressignificados, tornando o estudante capaz de posicionar-se de maneira crítica na sociedade.

Cumprindo a nova LDB, Leis de Diretrizes e Bases para a Educação, nº 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), onde estabelece como um dos objetivos gerais da educação fundamental, que os alunos sejam capazes de: “... posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;... saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;...”, justifica-se a integração e o uso de diversas mídias, especialmente o jornal como recurso pedagógico para o ensino/aprendizagem na escola.

Uma experiência com o jornal na escola

A experiência relatada neste artigo ocorreu devido à formação continuada (Curso “Projeto Imprensa” – no espaço do CEFORTEPE – Centro de Formação e Tecnologia E Pesquisa Educacional, da rede de Educação do Município de Campinas) e do compromisso com a educação para a comunicação em uma escola pública da cidade de Campinas.

A partir dos conhecimentos sobre a importância da educação para a comunicação, da influência da mídia na formação do estudante e do baixo índice de compreensão e produção de textos, foi realizado o projeto “Jornal na Escola e a Educomunicação”. Tal Projeto fez parte de uma das seções de comunicação do O 7º Seminário Nacional O Professor e Leitura do Jornal, em 24 e 25 de abril de 2014, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A seguir, o relato da professora:

Acredito que o ano de 2012 ficará indelevelmente marcado para mim, que como professora adjunta da prefeitura de Campinas, lecionei em uma escola cujo alunado pertencia a uma comunidade com um contexto social e econômico muito carente.

Estabelecer vínculo afetivo com os estudantes foi muito difícil para mim, que entrava em sala de aula somente quando faltava um professor, pois nestas ocasiões, os alunos queriam ficar no pátio ou na sala de aula brincando e dançando *FUNK*. A indisciplina e o desrespeito eram generalizados!

Terminando o primeiro semestre, foram-me confiadas as aulas de Língua Portuguesa do sexto ao nono ano, em caráter de substituição.

Meu primeiro dia na sala de aula ficou marcado, fui recebida pelo nono ano com um absorvente colado na lousa, por meninas gritando, dançando o *FUNK* e da mesma forma pelos meninos que as apoiavam.

Precisei realizar algumas pesquisas para compreender o funk e a preferência entre os estudantes desta escola por este tipo de música e dança.

Foi relevante saber, que segundo a linguista Márcia Fonseca Amorim, em sua tese, tema de reportagem no *Jornal da Unicamp*, ao analisar os discursos assumidos por mulheres do funk, trata o funk como um movimento musical/social que integra música, coreografia, modo de se vestir e de se portar socialmente, e não apenas como um gênero musical.

Ela considera que o movimento tem uma identidade própria que o distingue de outras manifestações da música negra norte-americana, como o rap e o hip-hop, que se manifesta na forma como seus adeptos se posicionam em relação a si mesmos e à sociedade. “Constata que o funkeiro geralmente se apresenta como o sujeito da favela que gosta de cantar e dançar de forma própria, despojada, utilizando o linguajar das periferias” (AMORIM, 2009).

Percebendo, a íntima relação entre o contexto dos estudantes e as letras do Funk, desenvolvi algumas seções de conversas e pesquisas, sobre o tema, no laboratório de informática da escola. Nas primeiras conversas e nas primeiras produções de textos da turma, ficou evidente a falta de interesse nos estudos escolares, grande dificuldade na leitura, na escrita, na interpretação de textos e na leitura de mundo.

Por outro lado, predominava o forte interesse dos alunos nos aparelhos tecnológicos, celulares, i-pod e computadores, para ouvir músicas (*FUNK*), enviar mensagens e participar das redes sociais na internet.

Percebendo que a preferência pelo funk por parte da maioria dos alunos era muito forte, resolvi aplicar um projeto que pudesse estimular o interesse dos estudantes por novos conhecimentos e desenvolver o prazer na leitura e na escrita, pois, de acordo com Moran (2007), “avançaremos mais se soubermos adaptar os programas previstos às necessidades dos alunos, criando conexões com o cotidiano, com o inesperado, se transformarmos a sala de aula em uma comunidade de investigação” a fim de tornar o aprendizado verdadeiramente significativo e verdadeiramente apreendido pelo estudante.

Ainda segundo Moran (2007), a informação, precisa fazer parte do contexto pessoal – intelectual e emocional – “Os Meios de Comunicação operam imediatamente com o sensível, o concreto... Ao mesmo tempo utilizam a linguagem conceitual, falada e escrita, mais formalizada e racional. Imagem, palavra e música se integram dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens”.

Partindo deste pressuposto, e refletindo no curso que fiz – “Imprensa na Escola” – no espaço do Cefortepe – Centro de Formação e Tecnologia E Pesquisa Educacional, da rede de Educação do Município de Campinas, atendendo as necessidades e tendências da educação e da educomunicação; decidi realizar o projeto “Jornal na Escola”, baseado nos conhecimentos aprendidos nesta formação.

Na primeira etapa do projeto conversei com as equipes, gestora e docente, a fim de obter a aprovação e a colaboração de todos no projeto.

Na segunda etapa, conversei com os alunos sobre a importância do jornal e propus o desafio de produzirem o próprio jornal.

Na terceira etapa, apresentei vários jornais locais para que os alunos estabelecessem as semelhanças e diferenças na diagramação, primeira página, manchetes, leads e temáticas abordadas. Puderam comparar jornais locais com o jornal escolar; aprenderam sobre os principais elementos de uma notícia: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Apresentei a importância da capacidade argumentativa e crítica, solicitando que concordassem ou discordassem de um texto ou notícia através de argumentos convincentes; que estabelecessem a distinção entre fato e opinião.

Procuraram em que caderno(s) dos jornais era possível obter informações sobre música e dança. Discutimos sobre a importância de avaliar um conteúdo informativo em diferentes Mídias para desenvolver a Educomunicação, leitura e percepção crítica dos meios de comunicação.

Foram questionados quanto ao estilo *Funk*, sua origem, seus artistas, seu público e quanto à opinião sobre outros estilos de música e de dança, produziram textos para expor sua preferência pelo estilo ou por outros estilos de música e de dança.

Na outra aula, os alunos aprenderam o significado e a importância de uma hemeroteca ao produzirem uma para a sala de aula. Foi um momento muito gratificante, ver alunos interessados em ler a matéria uns dos outros e eleger as preferidas para a hemeroteca da sala de aula.

Foi possível trabalhar com o projeto abrangendo toda a escola, do 1º ano ao 9º ano, principalmente na escolha do nome do jornal, na elaboração e seleção das matérias da primeira edição!

Na quarta etapa, assistimos ao filme: “Vem Dançar”, direção de Liz Friedlander, com Antônio Banderas. Escolhi esse filme devido à similaridade do enredo com a realidade de nossa escola. O Filme, baseado em uma história real, gira em torno de um profissional de dança que se voluntaria para ensinar no sistema público de Nova York.

Depois os estudantes realizaram pesquisas, na internet, assistiram filmes com essa temática; participaram de debates sobre os diferentes estilos de música, de dança e de se vestir. Houve várias discussões sobre valores morais e culturais. Depois, apresentaram suas pesquisas para os colegas com o objetivo de selecionar a que iria compor o material do jornal da escola. Muitos estudantes manifestaram o desejo de aprender a dançar outros estilos, por exemplo: o tango, o pop dos anos 70 e 80 entre outros.

Os demais professores se envolveram no projeto do Jornal da Escola. Estimularam a pesquisa e o debate, para a seleção das matérias do jornal e para a produção dos textos dos alunos. Participaram das correções gramatical e ortográfica, dos cálculos dos espaços para inserir os textos no jornal, de palavras para cada espaço e de toda a logística envolvida na produção de um jornal, cuja primeira edição deveria ter a tiragem de pelo menos 600 cópias.

Foi com grande satisfação, após um período de quatro meses de pesquisas, de reavaliação do projeto, de suor e de lágrimas, que ficou pronta a primeira edição de nosso jornal! Foi gratificante ver o entusiasmo e senso de realização por parte dos alunos ao examinarem cada linha escrita e cada ilustração do jornal. Fizemos uma reunião com a comunidade escolar para distribuímos o Jornal da Escola e fazer uma apresentação em Power Point mostrando como foi realizado o Projeto.

Conclusão

Percebemos que a criação de um jornal na escola é um importante recurso pedagógico para o professor; estabelece uma ponte entre conteúdos escolares e a realidade do aluno; favorece a educomunicação, construindo um caminho real para a qualidade do ensino/aprendizagem.

Trabalhar com o Jornal na sala de aula, permite realizar projetos que oportunizam um ensino interdisciplinar, possui um conjunto diferenciado de linguagens e de gêneros textuais. Nele estão presentes estruturas narrativas (notícias, reportagens etc.), descritivas (imagens, tabelas etc.) e dissertativo-argumentativas (editoriais, charges, cartas à redação etc.), que permite o estudo da língua e a compreensão de sua função social.

Além disso, favorece a prática do educador quanto a ouvir mais o estudante e a conhecer seu contexto. Também, permite desenvolver o ensino/aprendizagem de uma forma atraente, ajuda o educador e o estudante a estarem cada vez mais cômicos do poder influenciador da

mídia, faz compreender a mídia e a produzir mídia. Ao produzir mídia, jornal na escola, dá visibilidade às produções dos estudantes o que favorece a autoestima deles.

Referências

AMORIM, Márcia Amorim. Seriam as funkeiras neofeministas? *Jornal da Unicamp* – Universidade Estadual de Campinas / ASCOM – Assessoria de Comunicação e Imprensa – Barão Geraldo – Campinas, 24 de setembro de 2009 – SP.

BACCEGA, M. A. *Televisão e escola: uma mediação possível?* São Paulo: Editora SENAC – São Paulo, 2003. (Série Ponto Futuro; 14).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental.* – Brasília: MEC/SEF.

CALDAS, Graça. Mídia, escola e leitura criticam de mundo. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas (UNICAMP), v. 27, n. 94, p. 117-130. jan./abr. 2006

CARVALHO, Alexandre Filordi. *História e Subjetividade no Pensamento de Michael Foucault*. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, SP, 2007. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-20122007-133438/en.php>>.

CARVALHO, Pedro Luso de. *T. S. Eliot: Poesia e Teatro*. Disponível em: <<http://panoramadireitoliteratura.blogspot.com.br/2009/09/os-homens-ocos-t-s-eliot.html>> 25.08.2009>.

DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Versão eletrônica produzida pelo Coletivo Periferia. Disponível em: <<http://www.geocities.com/projetoperiferiaperiferia@mail.com>> – São Paulo, Brasil, 2003 – Versão para e-book eBooksBrasil.org.

DEMO, Pedro. *Habilidades e Competências no Século XXI*. Campinas, SP: Ed. Mediação, 2010.

MORAES, Vera Batista; PINHEIRO, Sevane Maria Cortijo Costa. Educação, Mídia e Formação Docente. In: 5º SEMINÁRIO NACIONAL O PROFESSOR E A LEITURA DO JORNAL. Campinas, SP, 2010.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas, SP: 13. ed., Editora Papirus, 2007.

PAVANI, Cecília; PARENTE, Cristiane; ORMANEZE, Fabiano. *Educomunicação, redes sociais e interatividade*. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2013.

PAVANI, Cecilia (Org.). *Jornal (In) Formação e Ação*. Campinas: Papirus, 2002.

SAYAD, Alexandre Le Voci. *Idade Mídia: Comunicação Reinventada na Escola*. São Paulo: Aleph, 2011.

SILVA, Ezequiel T. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 10. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.